

Era uma vez Ninguém
e ninguém mais.

Ninguém estava sozinho.

Ninguém não estava só sozinho.
Ninguém também não tinha
com o que brincar,
e nenhum lugar
para ir.

Uma maravilhosa história de amor
sobre o começo de tudo.



hedra
educação

101

Bart Mertens Benjamin Leroy

Ninguém e eu

Ninguém e eu

Tradução • Jorge Sallum

hedra
educação

As coisas

Arnaldo Antunes

Sumário



OBRAS

XXX-XX-XXXXXX-XX-X (ESTUDANTE)

XXX-XX-XXXXXX-XX-X (PROFESSOR)

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jorge Sallum

Suzana Salama

Felipe Musetti

EDIÇÃO

Paulo Henrique Pompermaier

Renier Silva

ASSISTÊNCIA EDITORIAL

Ana Lancman

Nathalia Tomaz

DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO

EdLab Press

LICENÇAS

CC-BY-NC 3.0 BR

ARAUCÁRIA EDIÇÕES

Estrada Principal da Samabaia, 4479

- 95400-000

São Francisco de Paula RS

55 11 991876080

letigfernandes@gmail.com

1 Sobre o livro	2
2 Sobre o autor	3
3 Sobre o gênero	4
4 Atividades	6
4.0.1 Pré-leitura	6
4.0.2 Atividade 1	6
4.0.3 Atividade 1.2	9
4.1 Leitura	9
4.2 Pós-leitura	12
5 Sugestões de referências complementares	13
6 Bibliografia comentada	14

Carta ao professor

Esperamos, com este material, auxiliá-los no trabalho com o Ensino Fundamental I em sala de aula. *As coisas*, de Arnaldo Antunes, é um livro singular por vários motivos e possibilita atividades didáticas interessantíssimas, como vocês acompanharão a seguir.

Os poemas deste livro abordam, por meio de jogos linguísticos, figuras de linguagem e as ilustrações de sua filha pequena, Rosa Moreau Antunes, a (re)descoberta do mundo e das coisas que o compõem. Nada passa desapercebido do olhar poético: desde as coisas mais materiais, como o sol e a tromba de um elefante, mas sobretudo, inclusive nas próprias coisas físicas, aquilo que há de abstrato nelas, e que se mostram terreno fértil para a imaginação do poeta. A coisa em si nunca é simplesmente o que a palavra diz. O nome de uma coisa leva a outros lugares, e a outras coisas. É da relação entre essas descobertas que nasce o primor estético desta poética.

Neste manual, vocês encontrarão atividades que procuram trabalhar o aprimoramento do olhar poético dos alunos e alunas. Partimos do pressuposto muito válido de que não são só os poetas consagrados, como Arnaldo Antunes, que possuem tal capacidade. As crianças, principalmente, como o próprio autor indica com a presença de sua filha na feitura do livro, têm até uma maior liberdade na lida com o fazer poético. Talvez por estarem menos moldadas do que os adultos às convenções sociais que, na contramão do que este livro propõe, não admitem polissemia nem criatividade entre as *coisas* e as *palavras*.

Acreditamos fortemente que o trabalho da competência linguística e artística é essencial para a formação de um indivíduo saudável intelectual e socialmente. E é desta premissa que partimos para a elaboração deste manual!

Esperamos, professores, que este material sirva como um guia para seu trabalho em sala de aula. Já contamos, no entanto, com as adaptações que surgirão organicamente na recepção do mesmo por vocês, que possuem trajetórias e escolhas didáticas específicas, bem como no contato com os alunos, que tanto têm a oferecer para o enriquecimento da experiência didática.

Boa aula!

1 Sobre o livro

As coisas é o terceiro livro de poemas de Arnaldo Antunes. São ao todo 42 poemas escritos pelo poeta e ilustrados por sua filha pequena, Rosa Moreau Antunes.

O poema inicial, “Abertura”, serve como uma introdução ao que será apresentado a seguir: um caráter sobretudo prosaico e narrativo.

Todos eles traziam sacolas, que pareciam muito pesadas. Amarraram bem seus cavalos e um deles adiantou-se em direção a uma rocha e gritou:
“Abre-te, cérebro!”

Neste poema, vemos uma referência intertextual à história de Ali Babá e os quarenta ladrões. Lá, Ali Babá observa a chegada, a cavalo, de quarenta ladrões que trazem sacolas aparentemente muito pesadas. Param à frente de uma rocha e, para que possam adentrar na caverna do tesouro, devem falar as palavras mágicas: ”Abre-te,

sésamo!”. Destas palavras reverbera a abertura da porta secreta. A parte inicial do poema, narrativa, poderia mesmo ser retirada da história. O último verso, porém, causa estranheza e prepara o leitor para os poemas que encontrará no livro.

A ordem dada pelo poeta, na última linha, é: “Abre-te, cérebro”. Isto serve como uma indicação metafórica de que o cérebro se encontra fechado como uma rocha, e para receber, ou ler, poesia necessaria ser, ou estar, aberto e receptivo. As “sacolas, que pareciam muito pesadas” podem ser entendidas, metaforicamente, como os poemas do próprio livro, que, no caso de o “cérebro” estar aberto, poderão ser descarregados e acumulados com o restante do tesouro que se encontra guardado — o conhecimento.

É uma característica de Arnaldo Antunes realizar estes jogos linguísticos. Assim como no poema anterior, o ludismo encontrado em “Tudo”, na página 24, é como se fosse uma descoberta infantil a respeito da noção da palavra homônima ao seu título:

Todas as coisas
do mundo não
cabem numa
ideia. Mas tu-
do cabe numa
palavra, nesta
palavra tudo.

Tudo é uma palavra que pode abarcar a totalidade das coisas ou seres. Por mais que se queira, é praticamente impossível abranger “todas as coisas do mundo...uma idéia”, mas esse vocábulo pequeno pode ser tão abrangente e genérico como o vocábulo *coisa*, normalmente utilizado para indicar qualquer objeto inanimado, e por vezes animais e pessoas. O jogo poético reside no fato de uma “palavra” ter a capacidade de conter “todas as coisas do mundo...tudo”. É como se fosse uma descoberta, por parte de uma criança, do poder que as palavras possuem. Esta é, aliás, uma característica constante do livro. Os poemas funcionam como uma descoberta de mundo e das *coisas* que nos cercam, como se fossem ditas a partir do ponto de vista de uma criança, com uma linguagem simples, direta e objetiva.



Figura 1: O multiartista Arnaldo Antunes.(Foto de Jefferson Rodrigues. CC BY 2.0)

2 Sobre o autor

O autor Nascido em 2 de setembro de 1960 na cidade de São Paulo, Arnaldo Antunes é um multiartista: poeta, compositor, cantor popular e artista visual. Gosta de fazer brincadeira e dar risada. Gosta de crianças e de cachorros. Gosta de brincar com as palavras.

Nas palavras do pesquisador na área de literatura contemporânea Nielson Ribeiro Modro, “Arnaldo Antunes não é apenas mais um entre os muitos poetas contemporâneos”. Seu visual alternativo e seu próprio nome sempre chamaram atenção, mas foi como poeta e músico que Antunes se consagrou em um restrito grupo de artistas com destaque a nível nacional. O público que acompanha sua produção artística varia desde jovens roqueiros até poetas consagrados de gerações anteriores, como os concretos Décio Pignatari e Haroldo de Campos. Isto se deve ao fato de seu trabalho ser desenvolvido em áreas distintas, porém que possuem uma íntima ligação: poesia, música e vídeo.

Percebe-se que Antunes utiliza, em todos os seus livros, recursos oriundos de tendências literárias distintas para construir seus poemas, principalmente advindos do Concretismo e Poesia Marginal. O uso intencional do espaço em branco, o aproveitamento icônico, o jogo com as palavras, o ludismo, a ingenuidade construída, a utilização de *ready mades*, a originalidade, a síntese e a objetividade podem ser apontados como características suas. Antunes consegue reunir várias possibilidades poéticas distintas em sua obra de forma a traçar um caminho próprio; aproveita as possibilidades existentes, mescla-as e dá-lhes características próprias e peculiares.¹

Entre os livros de poesia publicados, estão *Psia, Tudos, As coisas, 2 ou + corpos no mesmo espaço, Palavra desordem, ET, Eu, Tu, N.d.a.* e *Agora aqui ninguém precisa de si*, e livros de ensaios como *40 escritos e Outros 40*. Fez exposições de poesia visual em caligrafias, objetosa, vídeos, colagens e instalações. Como músico, lançou discos como *Nome, Ninguém e O silêncio*.

3 Sobre o gênero

O gênero O gênero deste livro é *poesia*.

¹MODRO, Nielson R., *A obra poética de Arnaldo Antunes*. Universidade Federal do Paraná, 1996.

Para uma primeira definição de poesia enquanto gênero literário, poder-se-ia recorrer à definição do professor Domingos Paschoal Cegalla, para quem “poesia é a linguagem subjetiva, carregada de emoção e sentimento, com ritmo melódico constante, bela e indefinível como o mundo interior do poeta visa a um efeito estético”.²

Aprofundando um pouco essa definição, o crítico Antonio Cândido expande a definição de poesia ao diferenciá-la do verso. Para o crítico, a poesia enquanto ato criador do artista independe da forma métrica do verso, que passa a ser apenas um dos registros possíveis do poético:

A poesia não se confunde necessariamente com o verso, muito menos com o verso metrificado. Pode haver poesia em prosa e poesia em verso livre. [...] Pode ser feita em verso muita coisa que não é poesia.³

Delineada, de forma breve e geral, a forma poética, pode-se pensar agora em seus três gêneros básicos: lírico, épico e dramático. Para o crítico Anatol Rosenfeld, a lírica é o gênero mais subjetivo, no qual uma voz central exprime um estado de alma traduzido em orações poéticas. Seria a expressão de emoções e experiências vividas, “a plasmação imediata das vivências intensas de um Eu no encontro com o mundo, sem que se interponham eventos distendidos no tempo (como na Épica e na Dramática)”.⁴

Devido a essa característica central da lírica, a expressão de um estado emocional, Rosenfeld considera que o eu-lírico, nesse gênero, não se delineia enquanto um personagem. Embora possa evocar personagens e narrar acontecimentos, a lírica entendida enquanto gênero puro afasta-se sobremaneira da apreensão objetiva do mundo, que não existe independente da subjetividade intensa que o apreende e exprime. Assim, na lírica prevalece a fusão entre o sujeito e o objeto, que serve mais a realçar os estados profundos de alma do poeta. Sobre os aspectos formais do gênero, Rosenfeld nota:

²CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008, p. 640

³CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. São Paulo: Terceira leitura, 1993, p. 13–14.

⁴ROSENFELD, Anatol. *O teatro épico*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 22.

À intensidade expressiva, à concentração e ao caráter “imediato” do poema lírico, associa-se, como traço estilístico importante, o uso do ritmo e da musicalidade das palavras e dos versos. De tal modo se realça o valor da aura conotativa do verbo que este muitas vezes chega a ter uma função mais sonora que lógico-denotativa. A isso se liga a preponderância da voz do presente que indica a ausência de distância, geralmente associada ao pretérito. Este caráter do imediato, que se manifesta na voz do presente, não é, porém, o de uma atualidade que se processa e distende através do tempo (como na Dramática) mas de um momento “eterno”.⁵

4 Atividades

4.0.1 Pré-leitura

BNCC	1	Língua Portuguesa
<p>EF05LP02</p> <p>Identificar o caráter polissêmico das palavras (uma mesma palavra com diferentes significados, de acordo com o contexto de uso), comparando o significado de determinados termos utilizados nas áreas científicas com esses mesmos termos utilizados na linguagem usual.</p>		

BNCC	2	Língua Portuguesa
<p>EF15LP15</p> <p>Reconhecer que os textos literários fazem parte do mundo do imaginário e apresentam uma dimensão lúdica, de encantamento, valorizando-os, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.</p>		

4.0.2 Atividade 1

Tema A linguagem enquanto forma de ver o mundo.

Conteúdo Introdução à discussão a respeito da linguagem, apresentando-a enquanto instrumento para ver e para modificar o mundo.

⁵Ibidem, p. 23.



Figura 2: *Oka* é o tipo de habitação tradicional dos povos Tupi e Guarani que habitam o brasil. (CC BY 2.0)

Justificativa A poesia, como vimos com os autores especialistas, está mais preocupada com a expressividade sonora da palavra e a multiplicidade de sentidos lógicos que ela suscita. A palavra, para o poeta, é seu instrumento de trabalho, como é o mármore para o escultor e o violino para o músico. Elas são percebidas com cuidado e atenção especiais.

De forma mais simples e adequada à etapa de desenvolvimento dos alunos, é imprescindível que eles percebam que a poesia produz imagens que são formas de ver o mundo diferentes da forma convencional. Neste sentido, o olhar poético é sempre um olhar enriquecedor.

Metodologia Para introduzir o assunto, antes de chegar na poesia propriamente, o professor ou a professora deve abordar a questão das diferentes palavras usadas para a mesma *coisa*. Prepare uma aula expositiva apresentando este conteúdo.

Em diferentes idiomas uma mesma coisa é chamada de diferentes formas. Por exemplo, o que chamamos de *casa* em português, em inglês é *house*, em francês é *maison* e em tupi é *oka*. Ainda que as palavras sejam diferentes, estão todas falando, em geral, da mesma *coisa*: o lugar onde se mora.

No entanto, há casos em que o que, em uma língua, é apenas *uma coisa*, em outra, são várias. Por exemplo, para os povos esquimós, que vivem numa região muito próxima ao Polo Norte e, por isso, muito fria e com muito gelo, existem vários tipos de branco.



Um campo tem terra. E coisas plantadas nela. A terra pode ser chamada de chão. E tudo que se vê se o campo for um campo de visão.

Figura 3: Poema e ilustração “O chão”, página 19 do livro.

Como boa parte das coisas a sua volta são cobertas por gelo e neve, eles são capazes de distinguir uma tonalidade de outra, e o que para nós é simplesmente *branco* para eles tem bem mais sentidos.

Para finalizar, dê um exemplo com a língua portuguesa: a palavra *terra*. *Terra* pode ser aquela *coisa* meio amarronzada que fica no chão, onde nós pisamos, onde nascem as árvores e plantas; ela pode ser mais firme ou mais solta, mais arenosa ou mais pedregosa. Mas também pode ser o planeta onde vivemos, o Planeta *Terra*. Uma mesma palavra, então, serve para expressar duas *coisas* diferentes. O que tem uma a ver com a outra?

Após a explicação, proponha um exercício aos alunos:

1. Procurem palavras que significam, assim como *terra*, duas coisas ao mesmo tempo;
2. Depois, tentem explicar por que vocês acham que elas têm o mesmo nome: o que elas têm em comum?
3. Compartilhem com a turma os resultados e descubra o que os seus colegas pensaram;
4. Depois: e as palavras que são muito parecidas mas que não significam a mesma coisa?
5. *Casa* tem algo a ver com *caça*?

Tempo estimado Duas aulas de 50 minutos.

4.0.3 Atividade 1.2

Dando sequência à primeira parte da atividade, na qual os alunos começaram a perceber a riqueza do universo das palavras, é hora de trabalhar o aspecto da linguagem visual, também presente no livro por meio das ilustrações.

Para as palavras levantadas por eles em seus exercícios, eles devem agora, individualmente, **fazer uma ilustração**, um desenho, usando as cores e instrumentos que preferirem: lápis de cor, canetinha, lápis de grafite...

Depois de feito o desenho, devem mostrá-lo aos colegas. O importante, aqui, é perceberem como, a partir da mesma palavra, da mesma *coisa*, eles foram capazes de criar imagens tão diferentes.

Por fim, encerre a etapa de pré-leitura dizendo-lhes que **o desenho e as palavras são tipos de linguagem**, mas ainda há outros.

4.1 Leitura

BNCC

3

Língua Portuguesa

EF05LP02

Identificar o caráter polissêmico das palavras (uma mesma palavra com diferentes significados, de acordo com o contexto de uso), comparando o significado de determinados termos utilizados nas áreas científicas com esses mesmos termos utilizados na linguagem usual.

BNCC

4

Língua Portuguesa

EF35LP31

Identificar, em textos versificados, efeitos de sentido decorrentes do uso de recursos rítmicos e sonoros e de metáforas.

Atividade 1

Tema O que constitui um poema?

Conteúdo Leitura do poema “Se não (se)” a partir de sua musicalidade e composição gramatical.

Justificativa A leitura em voz alta de um poema é parte fundamental de sua experiência estética. É na leitura em voz alta que os aspectos sonoros criados pelo artista e o posicionamento das palavras na frase e no verso ganham sua potência integral. No caso deste poema, a musicalidade deve ser explorada com atenção pelo professor ou professora junto à turma. A similaridade fonética e mesmo gráfica entre as palavras também pode ser um ótimo ensejo para trabalhar noções de pronome e conjunção, no caso de *se*, repetido diversas vezes no decorrer do poema.

Metodologia Faça uma leitura em voz alta do poema “Se não (se)”, presente na página 79. Depois, peça para que alguns alunos e alunas leiam, sempre em voz alta. Chame a atenção para a sonoridade do poema e os aspectos formais das **rimas**, como em *perde/pede* e *procura/segura*.

Quais são as palavras que rimam?

Depois, chame a atenção para a palavra *se* e seus múltiplos significados. Pode tratar-se de um pronome ou de uma conjunção. Com o cuidado de não adiantar conteúdo de outra série, explique a diferença básica entre os dois casos apresentando exemplos de cada um. Use exemplos simples, como os que apresentamos a seguir:

- A gente *se* viu ontem.
- Eu só vou *se* você for.

Por fim, após a elucidação acerca dos aspectos gramaticais, repita a leitura com a turma, agora deixando que a sonoridade ganhe mais espaço. Peça que os alunos acompanhem com palmas o **ritmo** do poema. Deixe claro que o ritmo já está inscrito no poema por meio das **repetições** (“*se perde*”, “*se não*”, “*se ganha*”, “*se...*”, “*se não*”, “*se...*”, e assim sucessivamente até o fim).

Tempo estimado Duas aulas de 50 minutos.

Atividade 2

Tema As ciências e a poesia.

Conteúdo Noções de espaço a partir da leitura dos poemas “Os lugares” e “O céu”.

Justificativa Como já falamos nas definições do gênero poético, a poesia está mais interessada no que é móvel do que no que é fixo. Por extensão, no que é relativo do que no que é incondicional. Noções como o posicionamento no espaço, da área da **Geografia**, e as diferenças da vida nas diversas partes do mundo, portanto, são naturalmente, por sua própria constituição relativa, um material para o olhar poético. Nos dois poemas escolhidos, Arnaldo Antunes trabalha com estes temas e os alunos e alunas poderão perceber as aproximações entre o olhar científico e o olhar poético.

Metodologia Comece com a leitura do poema “O céu”, da página 53. Faça um comentário gramatical a respeito da diferença de *em cima* e *encima* — o primeiro indica uma posição acima (*em* é uma preposição de lugar e *cima* significa “a parte mais elevada”); já o segundo é o verbo *encimar* conjugado na terceira pessoa do singular e significa “estar acima”.

Depois, continue a leitura em voz alta com a turma. Pergunte:

- Quais são as noções espaciais que existem além de *em cima* e *em volta*?
- Quais outras coisas podem variar de acordo com a posição que ocupam?
- Por exemplo, a pessoa mais alta dessa turma é necessariamente a mais alta da escola inteira?

Para continuar a discussão do tema, façam a leitura conjunta e em voz alta do poema “Os lugares”, da página 87.

Faça as seguintes perguntas para provocar a reflexão:

- Por que “a água gira em sentido anti-horário no japão”?
- Por que “os carrinhos de aeroporto nos estados unidos são puxados?”

Então, releiam juntos o poema e deixe que os alunos e alunas fiquem à vontade para comentar o que quiserem. Eles podem, se preferir, fazer desenhos inspirados neste poema e compartilhar ao fim da aula.

Tempo estimado Duas aulas de cinquenta minutos.



Figura 4: A Terra do Fogo, na Patagônia, está muito próxima do Polo Sul e, por isso, é uma região fria. (Foto de Ulrich Peters. CC BY 2.0)

4.2 Pós-leitura

BNCC	5	Arte
	EF15AR24	Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
BNCC	6	Ensino Religioso
	EF03ER03	Identificar e respeitar práticas celebrativas (cerimônias, orações, festividades, peregrinações, entre outras) de diferentes tradições religiosas.
BNCC	7	Língua Portuguesa
	EF03LP13	Planejar e produzir cartas pessoais e diários, com expressão de sentimentos e opiniões, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções dos gêneros carta e diário e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto.

Tema Música e poesia.

Conteúdo Produção musical a partir de um poema do livro ou autoral.

Justificativa A interdisciplinaridade artística é elemento constitutivo do trabalho de Arnaldo Antunes. De certa forma, é impossível dissociar seus versos escritos dos versos cantados ou grafados em seus vídeos. Por isso, a recepção de seu trabalho não pode deixar de levar em conta este aspecto, não apenas na apreciação passiva, como na experimentação do processo criativo da parte dos alunos.

Metodologia Retomando o exercício de acompanhamento sonoro por meio de palmas com a leitura do poema “Se não (se)”, mostre aos alunos algumas músicas de Arnaldo Antunes feitas a partir de poemas do livro *As coisas*, como “As coisas”, “Cultura” e “O fogo”. Os links estão indicados nas **Sugestões de referências complementares**.

Então, chegou a vez de os alunos **criarem** uma música a partir dos poemas ou a partir de seus próprios poemas autorais. Eles podem trabalhar em grupos ou individualmente, conforme a melhor disposição da turma. Ao fim, é interessante que seus trabalhos sejam compartilhados com a turma e, eventualmente, com as outras turmas da escola.

Tempo estimado Quatro aulas de 50 minutos.

5 Sugestões de referências complementares

Música

- “[As coisas](#)⁶”. Música de Arnaldo Antunes do álbum *Qualquer*, de 2006.
- “[Cultura](#)⁷”. Música de Arnaldo Antunes do álbum *Nome*, de 1993.
- “[O fogo](#)⁸”. Música de Arnaldo Antunes do álbum *Disco*, de 2015.

Livros

- DIEGUES JÚNIOR, Daniel. *Literatura popular em verso*. Estudos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1986.

⁶<https://www.youtube.com/watch?v=JF4MrwZSwzg>
Acessado em 21/11/2021.

⁷https://www.youtube.com/watch?v=Aguu_QzCQy8
Acessado em 21/11/2021.

⁸<https://www.youtube.com/watch?v=kUgUNHj2V1E>
Acessado em 21/11/2021.

- MARCO, Haurélio. *Breve história da literatura de cordel*. São Paulo: Claridade, 2010.
- NUVENS, Plácido Cidade. *Patativa e o universo fascinante do sertão*. Fortaleza: Fundação Edson Queiroz, 1995.
- TAVARES, Braulio. *Contando histórias em versos. Poesia e romanceiro popular no Brasil*. São Paulo: 34, 2005.
- TAVARES, Braulio. *Os martelos de trupizupe*. Natal: Edições Engenho de Arte, 2004.

6 Bibliografia comentada

- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

Consultar a BNCC é essencial para criar atividades para a turma. Além de especificar quais habilidades precisam ser desenvolvidas em cada ano, é fonte de informações sobre o processo de aprendizagem infantil.

- VAN DER LINDEN, Sophie. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

Livro sobre as particularidades do livro ilustrado, que apresenta as diferenças entre o livro ilustrado e o livro com ilustração.